

Dora Kramer*

As desventuras em série do clã Bolsonaro

Uma das várias questões em aberto sobre a eleição deste ano é se Flávio Bolsonaro (PL) manterá sua candidatura à Presidência da República. Outra diz respeito ao grau de influência do sobrenome do ex-presidente nas disputas país a fora e uma terceira tem a ver com o volume de perdas que atingem a família e companhia.

O pai, preso sem chance por ora de cumprir pena em regime domiciliar e apontado nas pesquisas como responsável pelos próprios erros; o primogênito, alvo de enorme rejeição, arrisca-se a perder a renovação quase certa do mandato de senador pelo Rio de Janeiro.

O filho do meio (Carlos), bombardeado por seus pares da direita, insatisfeitos com sua candidatura ao Senado por Santa Catarina; a madrasta (Michelle), boa de palanque, escanteada pelos enteados; o caçula dos homens (Jair Renan) nada significa para o clã como vereador em Balneário Camboriú.

E Eduardo? Bem, este é um caso especial em matéria de infortúnios cavados com as próprias mãos a poder de reiterados tiros nos pés.

Perdeu o mandato de deputado, perdeu a

chance de se eleger senador por São Paulo, perdeu a condição (falsa, vimos depois) de interlocutor do governo Donald Trump, perderá, tudo indica, o emprego público que lhe rendia estabilidade como escrivão da Polícia Federal que determinou sua volta imediata ao posto.

O ex-deputado afirma não ter intenção de retornar dos Estados Unidos onde antes de ser cogitado pelo pai presidente para comandar a embaixada brasileira, fritou hambúrgueres. Talvez encontre alguma ocupação por lá se conseguir se legalizar como imigrante. Por aqui, o que o aguarda é um processo no Supremo Tribunal Federal por obstrução de Justiça.

Observando o quadro sob o prisma da adversidade que assola Jair Bolsonaro e seus herdeiros, de fato faz sentido a presença de um familiar na disputa pela Presidência. Um tiro alto para manter o nome da tribo em voga ao longo da campanha é o refúgio que resta aos campeões nacionais de prejuízos autoinfligidos.

*Jornalista e comentarista de política

Aristóteles Drummond

O que deve ser democracia

Destruir conceitos e valores do regime democrático sempre foi uma bandeira da propaganda esquerdista. Prova maior foi a denominação de República Democrática da Alemanha para aquela parte do território alemão que ficou mais de 40 anos sob a ditadura comunista, sem pão nem liberdade. A diferença de qualidade de vida entre os alemães divididos era gritante. Em Berlim, tiveram de construir um muro para evitar a fuga em massa da população. No Brasil, após a abertura promovida pelo governo do Presidente João Figueiredo, não foi nem tem sido diferente.

O nome democracia e o famoso “estado democrático de direito” tem servido para encobrir estes 40 anos de atraso econômico e social. Usam e abusam desta “democracia” para encobrir um estado irresponsável no trato do dinheiro público, promotor de políticas eleitoreiras que barram o desenvolvimento econômico e social do país. O Brasil desta “democracia” vem crescendo menos do que os demais países. Estamos mal na qualidade e na produtividade. Vivemos da agricultura, pecuária e mineração. Nossa mão de obra é mal remunerada, pois falta qualificação,

de um lado, e bons empregos, por outro. Estão transformando o Brasil num grande balneário. A este tipo de democracia a população deve ser dependente do governo.

Os anos do chamado regime militar foram marcados pela ordem e o progresso. E a baixa corrupção, sem impunidade. Chamam de ditadura os anos de crescimento entre os maiores do mundo na época, segurança e avanços sociais. As estatais davam lucro.

Na verdade, querem apagar da memória nacional os exemplos de notáveis realizadores, civis e militares de 64, que construíram o que temos de grande em nosso país.

Os militares sempre foram atores relevantes na vida nacional, no Império como na República. Foram e são responsáveis pela dignidade no exercício da função pública. Não merecem ser cobrados por desvios em seu papel constitucional para atender interesses eleitorais. Tudo tem seu tempo e sua hora.

Democracia é defender o interesse nacional, a vontade popular, o progresso e a ética no exercício da função pública nos três poderes.

EDITORIAL

UnB se consolida na área científica

A Universidade de Brasília chegar a 2025 com 109 ativos de propriedade intelectual é um marco que vai muito além de um número expressivo em relatórios institucionais. Trata-se de um indicador concreto de maturidade acadêmica, capacidade inovadora e compromisso social de uma universidade pública que entende seu papel estratégico no desenvolvimento do país.

Em primeiro lugar, esse volume de ativos (patentes, registros de software, marcas e outros instrumentos de proteção) evidencia que o conhecimento produzido na UnB não fica restrito às salas de aula ou aos artigos científicos. Ele é transformado em soluções aplicáveis, capazes de gerar impacto econômico, social e tecnológico.

Outro ponto positivo é o fortalecimento da cultura de inovação entre estudantes, pesquisadores e docentes, pois demonstra que a universidade incentiva a proteção do conhecimento desde a iniciação científica até a pós-graduação, estimulando uma mentalidade empreendedora e estratégica. Isso contribui para formar profissionais mais preparados para dialogar com o setor produtivo, startups e políticas públicas.

Além disso, os ativos de propriedade intelectual ampliam as possibilidades de parcerias com empresas, governos e organizações

da sociedade civil. Eles funcionam como pontes entre a universidade e o mercado, favorecendo a transferência de tecnologia, a geração de royalties e a criação de spin-offs acadêmicas. Esses recursos podem retornar à própria UnB, fortalecendo laboratórios, bolsas e novos projetos de pesquisa.

Há também um ganho institucional e simbólico relevante, já que reforça a imagem da UnB como um centro inovador, competitivo e alinhado às agendas globais de ciência, tecnologia e inovação. Isso aumenta sua visibilidade internacional e sua capacidade de atrair talentos, investimentos e colaborações de alto nível.

Por fim, é fundamental destacar o impacto social desses ativos. Muitos deles estão associados a áreas estratégicas como saúde, sustentabilidade, educação e políticas públicas. Proteger essas criações significa garantir que o conhecimento gerado com recursos públicos seja valorizado, difundido de forma responsável e utilizado para melhorar a qualidade de vida da população.

Assim, os 109 ativos de propriedade intelectual da UnB em 2025 representam não apenas conquistas técnicas, mas um compromisso contínuo com o futuro do país, no qual a universidade pública se afirma como protagonista da inovação e do desenvolvimento social.

Opinião do leitor

Doença

O mundo respira por aparelhos, recuperação difícil. O quadro piorou, depois da pandemia. Abusos dominam todos os setores. Crises sérias, criadas por desavenças ideológicas. Ninguém cede. O povo sofre, com a brutal hostilidade dos poderosos.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ARSENAL DA MARINHA NO RIO TEM NOVOS DIRETORES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1931 foram: Esquadrilha Balbo inicia travessia do Atlântico, rumo ao Brasil. Daniel Salamanca é eleito o novo presidente da Bolívia. Indústria

de tecidos da Inglaterra está às voltas com a questão operária. Antiguidades históricas encontradas na Inglaterra e em Portugal. Arsenal da Marinha no Rio tem novos diretores.

HÁ 75 ANOS: ISRAEL APRESENTARÁ NA ONU PLANO DE PAZ PARA A COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de janeiro de 1951 foram: Tropas chinesas continuam avançando na Coreia e fazendo os exércitos da ONU recuarem. EUA estão próximos de testes com

a bomba de hidrogênio. Israel apresentará na ONU um plano de paz para a Coreia. Obras na Cidade Universitária seguem a todo o vapor. Plano prevê investimento de 700 milhões de cruzeiros no carvão.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
São Paulo:
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.